

PREVALÊNCIA DE LESÕES MUSCULOESQUELÉTICAS ENTRE ATLETAS DE FUTEBOL NA CIDADE DE TERESINA-PIEmanuelle Aparecida de S. Batista¹Mara Jordana Magalhães Costa¹**RESUMO**

O futebol é um esporte bastante competitivo sendo a modalidade esportiva com maior número de lesões musculoesqueléticas. O objetivo deste estudo foi analisar a prevalência de lesões musculoesqueléticas em atletas profissionais de futebol na cidade de Teresina-PI. É uma pesquisa transversal, descritiva com abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 39 atletas dos dois maiores clubes profissionais de futebol de Teresina-PI, selecionada de forma não probabilística, com idade entre 18 e 40 anos. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário, o qual aborda questões sobre a prática profissional do futebol, treinamento, lesões musculoesqueléticas e procedimentos adotados após a lesão. Os dados foram analisados por meio de uma estatística descritiva, utilizando-se média e desvio padrão. Foi realizado o teste *t* e o teste do qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% para todas as análises e o software utilizado foi o STATA 12.0. A prevalência de lesão foi de 89,74%, tendo como lesão mais frequente a entorse de tornozelo (22,41%). O tempo médio de afastamento dos jogadores decorrente das lesões foi entre 2 e 4 semanas. Não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre peso e estatura com a prevalência de lesão, respectivamente, ($p=0,19$) e ($p=0,61$). A posição tática mais acometida foi a de volante. A prevalência de lesão foi elevada nos atletas pesquisados sendo a entorse de tornozelo à lesão que mais acometeu os jogadores de futebol da cidade de Teresina-PI.

Palavras-chave: Futebol. Prevalência. Lesão Esportiva.

1-Universidade Federal do Piauí-UFPI, Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail dos autores:
emanuelleasb@hotmail.com
marajordanamcosta@gmail.com

ABSTRACT

Prevalence of musculoskeletal injuries among football athletes in the city of Teresina-PI

Football is a competitive sport, being the sport with the greatest number of musculoskeletal injuries. The purpose of this study was analyzing the prevalence of musculoskeletal injuries in professional soccer athletes in the city of Teresina-PI. This is a transversal, descriptive research with a quantitative approach. The sample consisted of 39 athletes from the two largest professional soccer clubs in Teresina-PI, selected in a non-probabilistic manner, aged between 18 and 40 years. For the data collection, a questionnaire was used, which addresses questions about soccer professional practice, training, musculoskeletal injuries, and procedures adopted after injury. The data were analyzed by means of a descriptive statistic, using mean and standard deviation. The *t*-test and the chi-square test were performed. The significance level adopted was 5% for all analyzes and the software used was STATA 12.0. This work was submitted and approved by the Ethics and Research Committee of the Federal University of Piauí. The prevalence of injury was 89.74%, with ankle sprain being the most frequent injury (22.41%). The average time of removal of the players from the injuries was between 2 and 4 weeks. There was no statistically significant association between weight and height with the prevalence of injury, respectively ($p = 0.19$) and ($p = 0.61$). The most affected tactical position was the flywheel position. The prevalence of injury was high in the athletes surveyed, being the ankle sprain to the injury that most affected the football players of the city of Teresina-PI.

Key words: Football. Prevalence. Sports Injury.

Autor correspondente:
Mara Jordana M. Costa.
Rua Juiz João Almeida, número 2251.
Planalto Ininga, Teresina-PI.

INTRODUÇÃO

O esporte mais praticado no mundo é o futebol, com mais de 270 milhões de praticantes profissionais e amadores de acordo com a Federation Internationale de Football Association - FIFA, contendo características de movimentos curtos, rápidos e não contínuos como também contato físico intenso. Força, agilidade, resistência, potência, velocidade e flexibilidade são as capacidades físicas mais exigidas nessa modalidade (Santos e colaboradores, 2014).

De acordo com Zech e Wellmann (2017), O futebol comparado com outros esportes possui muitas lesões.

Em virtude disso pode-se perceber que atletas de futebol são os que mais sofrem decorrente dessas lesões, na maioria das vezes tendo que se afastar das atividades profissionais ou até mesmo do esporte, dependendo do grau da lesão.

As lesões ocorrem por vários fatores, sendo eles fisiológicos ou específicos do esporte. Algumas características como a quantidade de partidas em uma temporada, qualidade do gramado, tempo, estilo de jogo de cada país, característica e funções dos jogadores podem interferir na incidência dessas lesões (Walden e colaboradores, 2013).

Decorrente disso pode-se afirmar que o supertreinamento pelo qual os jogadores passam, é o maior fator para ocorrência de lesão, pois não há um equilíbrio entre estresse e descanso, interferindo na qualidade física e psicológica deles, deixando-os assim mais suscetíveis a essas lesões.

Por ser considerado como uma das modalidades esportivas com grande risco de lesão, a investigação sobre isto é de extrema importância para elaboração de estratégias preventivas (Nascimento e colaboradores, 2015).

Assim, identificar as lesões pode ser uma estratégia para a elaboração de programas de prevenção como tentativa de minimizá-las dentro deste meio esportivo. O que favorece o destino profissional dos atletas, qualidade da equipe e reduz os prejuízos financeiros aos clubes, decorrente do afastamento dos jogadores.

De acordo com o descrito acima, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar a prevalência de lesões musculoesqueléticas em atletas profissionais de futebol na cidade de Teresina-PI.

MATERIAS E MÉTODOS**Caracterização da Pesquisa**

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa transversal, descritiva com abordagem quantitativa.

Seleção e Composição da Amostra

A amostra foi composta por 39 atletas dos dois maiores clubes profissional de futebol de Teresina-PI (os quais apresentam um maior número de títulos conquistados), sendo indivíduos do sexo masculino, com faixa etária entre 18 e 40 anos. A seleção da amostra foi feita de forma não probabilística, por conveniência.

Os critérios de inclusão foram: Jogadores de futebol da categoria profissional na cidade de Teresina-PI, do sexo masculino, idade entre 18 e 40 anos e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O critério de exclusão foi não responder o questionário completo e de forma clara.

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Para levantamento de dados foi aplicado um questionário elaborado pelas pesquisadoras, contendo perguntas abertas e fechadas sobre questões da prática profissional do futebol, treinamento, lesões musculoesqueléticas, procedimentos adotados após a lesão.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados por meio de uma estatística descritiva, utilizando-se média e desvio padrão. Em seguida foi realizado um teste *t* e o teste do qui-quadrado para uma análise inferencial. O nível de significância adotado foi de 5% para todas as análises e o software utilizado para analisar os dados foi o STATA 12.0.

Procedimentos e Considerações Éticas

O estudo realizado respeitou as recomendações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas envolvendo seres humanos, que por sua vez foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, com o parecer número: 2.927.497.

RESULTADOS

Dos 39 jogadores de futebol avaliados, observou-se que a média de idade foi de 22,7 anos ($\pm 4,6$), peso 74,2 quilos ($\pm 8,4$), estatura 178,9 centímetros ($\pm 7,5$) e Índice de Massa Corporal (IMC) 21,9 ($\pm 2,2$) kg/m², tabela 1.

Com relação às características de treino dos jogadores avaliados, observou-se que a maioria (30,77%) ocupa a posição tática

de zagueiro, que 33,33% tem tempo profissional de treino de 1 a 6 meses, estes apresentam uma frequência semanal nos treinos entre 4 e 6 dias na semana e 82,05% treinam mais de 2 horas por dia, tabela 2.

Dos 39 jogadores dessa pesquisa, 89,74% (35) sofreram lesões, a maioria (71,43%) apresentou de 1 a 3 lesões, e dessas lesões 97,14% tiveram diagnóstico médico, tabela 3.

Tabela 1 - Dados descritivos das variáveis: idade, peso, estatura e IMC dos jogadores avaliados, Teresina, 2018.

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Valor Mínimo	Valor Máximo
Idade (anos)	22,7	$\pm 4,6$	17,0	33,0
Peso (Kg)	74,2	$\pm 8,4$	58,0	90,0
Estatura (cm)	178,9	$\pm 7,5$	164,0	191,0
IMC	21,9	$\pm 2,2$	17,1	25,9

Tabela 2 - Distribuição do percentual quanto às características de treino dos jogadores pesquisados, Teresina, 2018.

Características de treino dos jogadores	n	%
Posição tática		
Goleiro	3	7,69
Zagueiro	12	30,77
Lateral	3	7,69
Volante	6	15,38
Meio campo	7	17,95
Atacante	8	20,51
Total	39	100,00
Tempo de treino na categoria profissional		
Entre 1 e 6 meses	13	33,33
Entre 7 e 11 meses	3	7,69
Entre 11 e 24 meses	12	30,77
Acima de 24 meses	11	28,21
Tempo de treino diário (horas)		
Entre 1 e 2	7	17,95
Mais de 2	32	82,05

Tabela 3 - Prevalência, número de lesões e diagnóstico médico quanto à lesão dos jogadores de futebol pesquisados, Teresina, 2018.

Variáveis	n	%
Sofreu lesão		
Sim	35	89,74
Não	4	10,26
Total	39	100
Número de lesões		
De 1 a 3	25	71,43
De 4 a 6	6	17,13
De 7 a 10	4	11,43
Total	35	100
Diagnóstico médico		
Não	1	2,86
Sim	34	97,14
Total	35	100

Referindo-se a característica do tratamento aplicado, percebeu-se que a maioria dos jogadores investigados (68,57%) fez fisioterapia, (17,14%) fez cirurgia e (14,28%) crioterapia. Com relação ao tempo de afastamento dos mesmos, decorrente das lesões sofridas, a maioria (34,25%) ficou afastado de 2 a 4 semanas, e a minoria 2,85% acima de 12 meses. Tabela 4.

Na tabela 5 são apresentadas as principais lesões que acometeram os jogadores de futebol participantes da pesquisa.

Entre todas as citadas a que teve maior prevalência foi à entorse (tornozelo), que acometeu 22,41% dos atletas.

Em seguida foram distensão/estiramento (posterior da coxa) 20,68%,

contusão 12,6%, fraturas 10,34%, rompimento de ligamento 10,34%, Tendinite 8,62%, Rompimento do menisco 6,89%, Bursite 5,17% e Pubalgia 3,44%.

A descrição em porcentagem (%) da tabela em questão, não corresponde aos 100%, pelo fato de alguns dos participantes relataram ter sofrido mais de um tipo de lesão.

Quando comparadas as médias da idade entre quem não tem e tem lesão não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,11$).

Também não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre a média de peso e a prevalência de lesão ($p=0,19$), e entre a média de estatura e prevalência de lesão ($p=0,61$), tabela 6.

Tabela 4 - Distribuição do percentual com relação ao tratamento e tempo de afastamento dos jogadores de futebol, Teresina, 2018.

Variáveis	n	%
Tratamento		
Cirurgia	6	17,14
Crioterapia	5	14,28
Fisioterapia	24	68,57
Total	35	100,00
Tempo de afastamento das atividades		
Entre 1 semana	8	22,8
De 2 a 4 semanas	12	34,25
De 5 a 11 semanas	7	20,0
De 4 a 6 meses	4	11,42
De 7 a 12 meses	3	8,57
Acima de 12 meses	1	2,85
Total	35	100,00

Tabela 5 - Prevalência das lesões referidas pelos jogadores de futebol avaliados, Teresina-PI, 2018. (n=58).

Lesões	n	%
Bursite	3	5,17
Contusão	7	12,06
Distensão/Estiramento	12	20,68
Entorse	13	22,41
Fratura	6	10,34
Rompimento do menisco	4	6,89
Rompimento ligamentar	6	10,34
Pubalgia	2	3,44
Tendinite	5	8,62

Tabela 6 - Comparação das médias do peso, estatura e a prevalência de lesão dos jogadores de futebol, Teresina, 2018.

Sofreu lesão	n	Média (Peso)	DP	p
Não	4	69	8,16	
Sim	35	74,8	8,33	0,19
		Média (Estatura)	DP	p
Não	4	180,7	5,9	
Sim	35	178,7	7,79	0,61

DISCUSSÃO

A média de idade de 22,7 anos dos jogadores de futebol descrita na tabela 1 está de acordo com os dados descritos na literatura no qual a média varia de 17 a 36 anos (Barbalho, Nóvoa e Amaral, 2017; Borges e colaboradores, 2018).

O valor máximo da idade dos jogadores encontrada no estudo se justifica pelo fato da carreira do jogador de futebol profissional encerrar cedo, na maioria dos casos por se lesionarem ou pelo corpo não apresentar mais o rendimento físico esperado pelos times que eles atuam.

Com relação ao peso e a estatura, a média de peso dos participantes dessa pesquisa foi 74,2 Kg ($\pm 8,4$), condiz com a média encontrada em outras pesquisas como a de Santos e colaboradores, (2014) que avaliou 116 atletas de futebol e obteve uma média de 76,5 Kg ($\pm 4,0$). Nossos resultados corroboram também com o estudo de Castanheda, Dantas e Fernandes Filho (2003), no qual analisaram 43 jogadores profissionais de futebol e obtiveram média 74,1 Kg ($\pm 7,27$).

Já com relação à estatura o valor da média encontrada nesse estudo foi 178,9cm ($\pm 7,5$) assemelhando-se ao estudo de Borges e colaboradores, (2018) média da estatura de 28 jogadores foi 179,0cm ($\pm 0,07$).

A semelhança que se nota nas médias de estatura, pode ser pelo fato de ambas as pesquisas terem sido realizadas na região nordeste.

Quanto ao IMC-Índice de Massa corporal- dos atletas avaliados obteve-se média de 21,9 kg/m² ($\pm 2,2$), estando os atletas com peso normal segundo a classificação da OMS (Organização Mundial da Saúde, 2007).

No que diz respeito à posição tática dos jogadores desse estudo (tabela 2) observou-se que a maioria (30,77%) é zagueiro, porém outros autores encontraram dados diferentes ao do presente estudo como os achados de Palacio, Candeloro e Lopes (2009) que investigou 30 atletas e 26,6% atuam como atacantes e Nunes e colaboradores, (2014) que do total de 68 entrevistados 38,24% atuam como meio-campo.

Quanto ao tempo de prática profissional no futebol, observou-se que a maioria dos atletas dessa pesquisa (33,33%) treina de 1 a 6 meses, o que não corrobora com o estudo de Kleinpaul, Mann e Santos (2010) no qual se pode observar que os 21

jogadores avaliados praticavam o futebol há um tempo médio de $3,73 \pm 2,69$ anos.

Essa diferença encontrada com relação ao tempo de prática se dá por conta das diferentes formas de categorização dessa variável, que no futebol se estende das categorias de infante ao profissional.

Quanto ao volume semanal de treino, a maioria dos jogadores pesquisados (82,05%) relatou que treinam mais 2 horas por dia.

Dados semelhantes foram encontrados no estudo Kleinpaul, Mann e Santos (2010), obtiveram em sua pesquisa um volume de treino diário médio de $2,43 \pm 0,9$ horas.

Zoppi e colaboradores (2003), observaram que o volume de treino diário não era superior a 2 horas entre os 21 atletas pesquisados.

A literatura mostra que a maior prevalência de lesão está associada ao alto volume de treino semanal (Rios e colaboradores, 2017; Machado e Penna, 2010), portanto os jogadores de futebol do presente estudo estão propensos a ter uma alta prevalência de lesão.

Esse estudo mostrou que a prevalência de lesões foi de 89,74% (35) e 10,6% (4) não tiveram lesão (tabela 3). Corroborando com esses resultados Almeida e colaboradores (2013), analisou 27 jogadores os quais 55,6% (15) apresentaram lesões musculoesqueléticas e 12 (44,4%) não apresentaram qualquer tipo de lesão.

Entretanto em um estudo mais recente Barbalho, Nóvoa e Amaral (2017) obtiveram um resultado que difere da pesquisa em questão, no qual dos 23 jogadores profissionais no elenco, apenas 44% sofreram lesão, porém continua sendo alto o índice de atletas lesionados no futebol, isso se justifica pelo fato da maioria dos jogadores terem um excesso de treino e uma recuperação inadequada.

O que condiz com a literatura a qual relata que essas lesões podem ser provocadas pela grande exigência física característica do futebol, contrações musculares rápidas e explosivas e quando associadas ao excesso de treinos e jogos em curtos intervalos de tempo (Almeida e colaboradores, 2013; Zech e Wellmann, 2017).

Com relação ao número de lesões, 71,43% dos jogadores dessa pesquisa sofreram entre 1 e 3 lesões musculoesqueléticas, assemelhando-se aos achados de Raymundo e colaboradores (2005)

no qual o número médio de lesões dos 44 atletas investigados foi de 1,9.

Dentre os atletas desse estudo que sofreram lesões, 97,14% tiveram diagnóstico médico. É importante ressaltar que o diagnóstico médico é necessário para que se possa fazer o tratamento adequado decorrente da lesão sofrida.

Referindo-se ao tratamento adotado pelos jogadores desse estudo (tabela 4) após se lesionarem a maioria (68,57%) fez fisioterapia e 14,28% fez a crioterapia, ou seja, utilizaram métodos não invasivos, corroborando com o estudo de Palacio, Candeloro e Lopes (2009) que dos 30 jogadores investigados, 73,3% fizeram tratamento conservador (fisioterapia e repouso).

Entretanto Scarabelot (2010) pesquisou 224 atletas de futebol e observou que a maioria (55,6%) foi tratada com associação de terapias (cirurgia + fisioterapia), o que não condiz com o estudo em questão, pois dos 35 atletas que sofrerão lesão, apenas 17,14% (6) fizeram tratamento cirúrgico.

No processo de reabilitação dos atletas de futebol a fisioterapia é o tratamento mais indicado, pois atua na prevenção, preparação e recuperação das lesões facilitando o retorno dos mesmos ao esporte (Kunz, 2014).

Quanto ao tempo de afastamento das atividades decorrente das lesões, a maioria (34,25%) dos jogadores desse estudo ficaram entre 2 e 4 semanas, ou seja de 14 a 28 dias afastados, o que não condiz ao estudo de Palacio, Candeloro e Lopes (2009) que observaram o tempo de afastamento associado a posição tática dos atletas e a média de afastamento dos jogadores mais lesionados variou de 10 a 240 dias.

Dos 35 atletas que sofreram lesão nessa pesquisa 58, 97% sofreram alguma alteração na sua rotina, no qual 23,68% diminuíram os treinos, 23,68% faziam treinos de fortalecimento e 13,16% deixaram de treinar até recuperar-se da lesão. O tempo de afastamento dos jogadores está relacionado principalmente com o tipo de lesão sofrida podendo variar com o tratamento que é aplicado.

Com relação às lesões que mais acometem jogadores de futebol, Nascimento e colaboradores (2015) encontraram em seu estudo como as lesões mais frequentes: entorse de tornozelo, entorse de joelho,

distensão de coxa e lombalgia, cada um relatado duas vezes (18,18%), tabela 5.

No estudo de Chagas e colaboradores (2018), houve prevalência de entorses de tornozelo, acometendo 27,16% dos jogadores de futebol, e outras lesões relatadas foram: estiramentos musculares na região medial (21,60%), posterior (11,73%) e anterior de coxa (11,11%) e entorses de joelho (10,49%).

Já no estudo de Ferreira e colaboradores, (2016) realizado com jogadores de futebol amador, as lesões musculoesqueléticas mais encontradas foram às entorses (45,2%), seguidas das distensões (36,7%), contusões (4,7%), fraturas (4,7%) e as luxações (2,4%). Dentre as entorses, 68,4% ocorreram no joelho e 31,6% no tornozelo.

Os resultados das pesquisas acima são corroborados com resultados desta pesquisa, na qual a entorse (tornozelo) foi à lesão que mais acometeu os atletas pesquisados (22,41%). Um fator que determina a entorse de tornozelo ter prevalência entre as lesões em jogadores de futebol é o terreno que este esporte é praticado (Tomazoni, Zanetto e Leal Junior, 2011).

Contudo, os atletas de futebol treinam/competem em diferentes tipos de piso (gramado), no qual muitos são precários e apresentam irregularidades o que contribui para ocorrência dessa lesão.

Os resultados observados nesse estudo quanto à relação entre média de idade e prevalência de lesão não foram estatisticamente significativos ($p=0,11$), assemelhando-se ao estudo de Nascimento e colaboradores (2015) que analisaram 23 jogadores, no entanto, quando relacionadas a idade com a ocorrência de lesão, a análise não mostrou um resultado estatisticamente significativo, porém a faixa etária mais acometida foi entre 20 a 23 anos, representando 77,77% das lesões. Já no estudo de Palacio, Candeloro e Lopes (2009) quando associada à idade e frequência de lesão, verificou-se que a maior parte das lesões (60%) ocorreu em jogadores com idade entre 20 e 25 anos.

Quando comparada as médias de peso e estatura com a prevalência de lesão nesse estudo, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas, respectivamente, ($p=19$) e ($p=61$), tabela 6.

Esse resultado está diretamente ligado ao fato da maioria dos atletas estarem dentro

dos padrões de normalidade quanto ao estado nutricional, que foi verificado pelo IMC.

A composição corporal pode indicar sobre o estado nutricional, o qual se verifica que em atletas a uma melhor adequação nutricional em relação a indivíduos normais (Cabral e colaboradores, 2006).

Devido a isso, entende-se que atletas que estão acima do peso ficam mais propensos a lesões corroborando com os achados na literatura no qual Lopes e colaboradores (1996) observaram que o excesso de massa corporal foi fator predisponente para as lesões musculares.

Além dessas variáveis, analisou-se também que quando maior o tempo de treino (mais de 2 horas) maior a prevalência de lesão. Porém este resultado não foi estatisticamente significativo ($p=0,07$).

Percebe-se que os atletas são sobrecarregados, pois além de treinarem excessivamente e competirem não tem um tempo ideal de descanso para recuperação total, tanto física como psicológica, o que se assemelha aos achados da literatura no qual Lopes (2017) relata que é necessária a reformulação do calendário do futebol brasileiro, pensando na maneira de melhorar o tempo de descanso, treino e recuperação dos atletas para intercalar a carga de estresse que os mesmos sofrem com a demanda de jogos, a pressão natural pelos resultados e o tempo de recuperação. Pois essa sobrecarga que os atletas sofrem, pode ser um fator para diminuir o desempenho e ocasionar lesões.

Observa-se na Tabela 7 que a posição táctica com maior prevalência de lesão foi a de volante, no qual dos (6) pesquisados, 100% sofrerão lesão.

No estudo de Borges e colaboradores, (2018) dos jogadores lesionados, a posição com maior prevalência foi meio campo (66,67%) seguida de atacante (14,28%). Já no estudo de Nunes e colaboradores, (2014) foi observado maior prevalência nos atacantes (29,70%), meio campistas (33,66%) e zagueiros (9,90%). Os resultados de Selistre e colaboradores, (2009) mostraram que os atletas do meio campo 42,4 % foram os mais acometidos.

Na pesquisa de Zanuto, Harada e Gabriel Filho (2010) os jogadores que mais sofreram lesões foram o Meio Campo (34%), seguidos pelos Atacantes (24%). Os estudos citados acima corroboram com o resultado desta pesquisa, pois o setor de meio campo de acordo com Paoli (2007) compõe quatro

posições: volantes, meias de armação, meias de contenção e meias atacantes. Os volantes têm a função de fazer a ligação entre a defesa e o ataque (Guimarães e colaboradores, 2014).

Os jogadores mais exigidos fisicamente são de meio-campo e atacantes pelo fato de realizarem movimentos em várias direções e por correrem mais que os outros jogadores na velocidade submáxima, estando assim mais propensos a ocorrência de lesões.

No presente estudo observou-se que a maioria (89,74%) dos jogadores de futebol profissional (54,43%) dos dois maiores clubes esportivos de Teresina-PI, relatou ter sofrido alguma lesão decorrente da prática desse esporte.

Essa alta prevalência de lesões musculoesqueléticas se dá por conta dessa modalidade coletiva ser complexa e utilizar diferentes ações motoras em excesso em intervalos irregulares de tempo, o que dificulta a elaboração de estratégias de treino que reproduza com precisão as exigências da atividade competitiva.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que prevalência de lesões musculoesqueléticas encontrada nos atletas profissionais de futebol na cidade de Teresina-PI foi elevada.

As lesões com maior prevalência foram à entorse de tornozelo, seguida da distensão, contusão, fraturas, rompimento de ligamento, tendinite, rompimento do menisco, bursite e Pubalgia.

Quanto à associação da prevalência de lesão com as variáveis peso e estatura, esse estudo não apresentou significância estatística. Verificou-se que o tempo médio de afastamento dos atletas decorrente das lesões foi de 2 a 4 semanas.

Com relação à posição táctica mais acometida pelas lesões, não foi apresentada associação estatisticamente significativa, porém os jogadores que ocupam a posição de volante apresentaram um maior percentual de lesão.

Com isso, sugere-se um estudo mais aprofundado sobre o impacto dessas lesões no cotidiano desses jogadores, para que os mecanismos de prevenção sejam implementados com êxito dentro do futebol profissional, melhorando a qualidade de vida e promovendo saúde desses atletas, para que

os mesmos possam usufruir o bem estar na vida profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

- 1-Almeida, P.S.M.; Scotta, A.P.; Pimentel, B.M.; Junior, S.B.; Sampaio, Y.R. Incidência De Lesão Musculoesquelética Em Jogadores De Futebol. Revista Brasileira Medicina do Esporte. Vol. 19. Num. 2. 2013. p. 112-115.
- 2-Barbalho. M. S. M.; Nóvoa. H. J. D.; Amaral. J. C. Prevalência de lesão em jogadores de futebol profissional nos anos 2013-2014. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol.9. Num.33. 2017 p.144-150.
- 3-Borges, C.A.; Andrade, F.G.; Santos, I.R.D.D.; Andrade, M.F.; Santos, M.A.; Ribeiro, S.M. Incidências de lesões em jogadores de futebol do time profissional de vitória da conquista-Bahia. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol.10. Num.37. 2018. p.215-220.
- 4-Cabral, C.A.C.; Rosado, G.P.; Silva, C.H.O.; Marins, J.C.B. Diagnóstico do estado nutricional dos atletas da Equipe Olímpica Permanente de Levantamento de Peso do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Rev Bras Med Esporte. Vol.12. Num.6. 2006. p.345-350.
- 5-Castanheda, A.L.K.; Dantas, P.M.S.; Fernandes Filho, J. Perfil dermatoglífico e somatotípico, de atletas de futebol de campo masculino, do alto rendimento no Rio de Janeiro - Brasil. Fit Perf. Rio de Janeiro. Vol.2. Num.4. 2003. p.234-239.
- 6-Chagas, T.P.; Castro, H.O.; Carvalho, L.A.; Noronha, F.J.; Aguiar, S.S.; Pires, F.O.; Gazire, J.S. Incidência de lesões em atletas profissionais de futebol de categorias de base: estudo de caso. Journal of Health Connections. Vol.2. Num.1. 2018. p. 60-68.
- 7-Ferreira, D.; Machado, C.A.O.; Moraes, P.H.R.; Amaro, A.C.S. Prevalência de lesões musculoesqueléticas em jogadores amadores de futebol de campo. Corpoconsciência, Cuiabá-MT. Vol.20. Num.2. 2016. p. 97-104.
- 8-Guimarães, M.B.; Caldas, G.F.S.; Lima, R.C.; Paoli, P.B. As posições no futebol e suas especificidades. Rev Bras Futebol. Vol.7. Num.2. 2014. p.71-83.
- 9-Kleinpaul, J.F.; Mann, L.; Santos, S.G. Lesões e desvios posturais na prática de futebol em jogadores jovens. Fisioter Pesq. Vol.17. Num.3. 2010. p.236-24.
- 10-Kunz, E. A influência do treinamento de força para atletas amadores de futebol de campo no município de três passos. TCC. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Ijuí. 2014.
- 11-Lopes, A.S.; Kattan, R.; Costa, S.; Lopes, R.S. Estudo clínico, diagnóstico e tratamento das lesões totais do tendão de Aquiles. Revista Brasileira de Ortopedia. São Paulo. Vol.31. Num.12. 1996.
- 12-Lopes, F.S. Calendário do futebol brasileiro e sua relação no desempenho do atleta e na incidência de lesões musculoesqueléticas. TCC. Faculdade Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia. 2017.
- 13-Machado, R.G.B.B.S.; Penna, N.N.S. Prevalência de lesões musculo esqueléticas em corredores de rua em Brasília-DF. TCC. Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Brasília. 2010.
- 14-Nascimento, G.A.R.L.; Borges, M.G.L.; Souza, P.V.N.; Junior, D.L.S.; Junior, J.M.F. Lesões Musculoesqueléticas em Jogadores de Futebol Durante o Campeonato Paraense de 2013. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 7. Num. 25. 2015. p. 290-96.
- 15-Nunes, W.S.; Peixoto, R.S.; Malta, A.S.; Costa, P.C.S. Prevalência de Lesões nos Atletas das Categorias de Base do Sport Club Rio Grande. Ensaios Cienc., Cienc. Biol. Agrar. Saúde. Vol.18. Num.1. 2014. p. 31-35.
- 16-Organização Mundial da Saúde-OMS. Avaliação do peso em adultos de 20-59 anos. 2007.
- 17-Palacio, E.P.; Candeloro, B.M.; Lopes, A.A. Lesões nos jogadores de futebol profissional do Marília Atlético Clube: estudo de coorte histórico do campeonato brasileira de 2003 a 2005. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Vol. 15. Num. 1. 2009. p. 31-35.
- 18-Paoli, P.B. Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.

Tese de Doutorado. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 2007.

19-Raymundo, J.L.P.; Reckers, L.J.; Locks, R.; Silva, L.; Hallal, P.C. Perfil das lesões e evolução da capacidade física em atletas profissionais de futebol durante uma temporada, *Revista Brasileira de Ortopedia*. Vol. 40. Num. 6. 2005. p. 341-48.

20-Rios, E.T.; Rodrigues, F.C.; Rocha, L.F.; Salemi, V.M.C.; Miranda, D.P. Influência do volume semanal e do treinamento resistido sobre a incidência de lesão em corredores de rua. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. São Paulo. Vol. 11. Num. 64. 2017. p. 104-109.

21-Santos, G.P.; Assunção, V.H.S.; Martinez, P.F.; Christoletti, G.; Oliveira Júnior, S.A. Incidência de lesões esportivas e supratreinamento no futebol, *Revista ConScientiae Saúde*. Vol. 13. Num. 2. 2014. p. 203-210.

22-Scarabelot, D. Incidência de lesão ligamentar no joelho em atletas das categorias de base do criciúma esporte clube. TCC. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma. 2010.

23-Selistre, L.F.A.; Taube O.L.S.; Ferreira, L.M.A.; Barro Junior, E.A. Incidência de lesões nos jogadores de futebol masculino sub21 durante os Jogos Regionais de Sertãozinho-SP de 2006. *Rev Bras Med Esporte*. Vol.15. Num.5. 2009. p.351-354.

24-Tomazoni, S.S.; Zanetto, B.G.S.; Leal Junior, E.C.P. Prevalência de lesões musculoesqueléticas em atletas adolescentes. *ConScientiae Saúde*. Vol.10. Num.1. 2011 p.122-128.

25-Walden, M.; Häggglund, M.; Orchard, J.; Ekstrand, J. Diferenças regionais na incidência de lesões no futebol profissional europeu. *Scand J Med Sci Sports*. Vol.23. Num. 4. 2013. p. 424-30.

26-Zanuto, E.A.C.; Harada, H.; Gabriel Filho, L.R.A. Análise Epidemiológica de Lesões e Perfil Físico de Atletas do Futebol Amador na Região do Oeste Paulista. *Rev Bras Med Esporte*. Vol.16. Num.2. 2010. p.116-120.

27-Zech, A.; Wellmann K. Percepções de jogadores de futebol sobre fatores de risco de lesão e estratégias de prevenção. *Plos One*. Vol.12. 2017. p. 1-11.

28-Zoppi, C.C.; Antunes Neto, J.; Catanho, F.O Goulart, L.F.; Motta e Moura, N.; Macedo, D.V. Alterações em biomarcadores de estresse oxidativo, defesa antioxidante e lesão muscular em jogadores de futebol durante uma temporada competitiva. *Rev. paul. Educ. Fís. São Paulo*. Vol.17. Num.2. 2003. p.119-130.

Recebido para publicação em 17/04/2019
Aceito em 27/05/2019